

CENSURA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: O ROMPIMENTO DO “PACTO DE SILÊNCIO”, NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS ESPANHOLAS¹.

Jorge Edson
Mestrando em História e Historiografia.
Universidade Federal de São Paulo – Unifesp
Jorge-edson@outlook.com

A Guerra Civil Espanhola (1936-1939) foi um dos conflitos mais violentos na Europa, durante o século XX. A divisão política, social, econômica, cultural, religiosa e histórica, na sociedade espanhola, configurou uma ruptura total das estruturas sociais, e consequentemente, resultou em um conflito armado que perdurou por três anos. Liderado pelo General Francisco Franco, o lado nacionalista se sagrou vencedor do conflito civil, e, assim, promoveu o início de um regime totalitário.

A ditadura franquista (1939-1975), alterou as ações sociais do período, promovendo prisões, torturas, assassinatos, exílios e censuras em todos aqueles contra os seus ideais de “Una, grande y libre” Espanha. (ORTIZ, 2014, p.176). Durante trinta e seis anos, sendo uma das ditaduras mais longevas da Europa, o franquismo reordenou todos os aspectos da sociedade criando, no período contemporâneo, discussões em torno desse passado, ainda tão presente.

Com a morte do General Franco em 1975, a Espanha deu início ao processo de redemocratização. Durante esse período, foi desenvolvido um acordo social e político entre as elites franquistas remanescentes do regime anterior, consideradas “vitoriosas”, e os “derrotados” republicanos, além da grande parcela da sociedade envolvida indiretamente nos processos. Essa equação culminou em um processo de anistia política e no chamado “pacto de silêncio”, uma ação que promoveu um “esquecimento” social, uma tentativa de “apagar” a memória das testemunhas sobre suas experiências do passado traumático resultado direto do conflito civil e do regime franquista.

¹ Esse texto é fruto das disciplinas “História da Cultura: Teoria e Historiografia” do programa de pós-graduação em História da Unifesp, ministrada pela professora e orientadora Dra. Ana Lúcia Lana Nemi. E da disciplina Estados Autoritários e Censura. Cultural no Contexto Ibero-Americano de 1930 - à Atualidade do programa de pós-graduação em Letras (FFLCH) da USP, ministrado pela Dra. Valeria de Marco. A proposta inicial desse texto foi exposta no evento - Jornadas Hispânicas – Unifesp 2018. Em 2019, por conta das disciplinas mencionadas, o texto se reformulou e foi apresentado, previamente, no congresso acadêmico da Unifesp. Nessa nova versão, o texto apresenta resultados iniciais desenvolvidos conforme os comentários recebidos nos eventos e disciplinas citadas.

Recentemente, em dezembro de 2007, o Governo espanhol, durante o mandato do Primeiro-Ministro José Luís Rodríguez Zapatero, aprovou a *Ley 52/2007 de la Memoria Histórica*. A lei procura estabelecer, em conjunto com as políticas de memória da Associação para a Recuperação da Memória Histórica (ARMH), uma das principais instituições espanholas, entre outras ações sociais e institucionais, um discurso em defesa da democracia, condenando todas as barbáries promovidas durante a Guerra Civil (1936-1939) e no período posterior da Ditadura Franquista (1939-1975), notadamente marcado por suas atrocidades, pela redução das liberdades políticas, ideológicas e religiosas.

O texto de abertura da lei, em seus dois parágrafos iniciais, apresenta um discurso em prol da recuperação e preservação da memória, seja ela no âmbito da memória individual, familiar (coletivo), ou no caso dos documentos dispostos em arquivos. Essa ação procura estabelecer um espaço público e jurídico às vítimas, e a todos aqueles que sofreram com a violência promovida pelos eventos mencionados, e que, de certa forma, procuram recuperar, preservar e divulgar, suas lembranças.

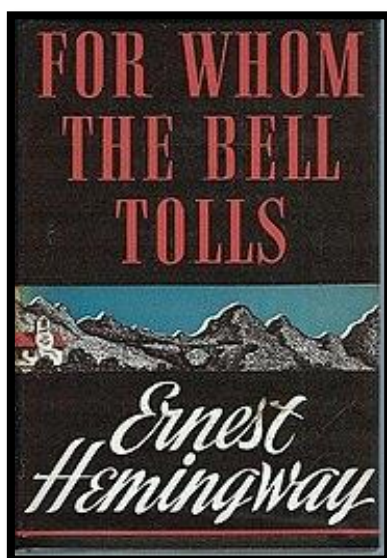
As manifestações sociais, culturais e políticas que resultaram na *Ley de la Memoria Histórica* espanhola, contribuíram, nesses últimos anos, para o rompimento do “pacto de silêncio” estabelecido no período de transição política. Mecanismos culturais como novelas, filmes, livros entre outros periódicos, em determinado momento, tiveram como proposta narrativa criar uma representação sobre a guerra civil, a ditadura, o exílio e a redemocratização espanhola, e assim passaram a contribuir para a discussão desses assuntos, perante a sociedade.

Na Espanha, entre as décadas de 70 e 80, diversas obras publicadas, que possuíam a guerra civil espanhola, a ditadura franquista e o fascismo como temas, não alcançaram o grande público (GRAHAM, 2013, p.158). Por outro lado, na década de 1990, a representação desses eventos apareceram em filmes como *!Ay, Carmela* (1990) de Carlos Saura, *Terra e Liberdade* (1995) de Ken Loach, e *Libertarias* (1996) de Vicente Arana, isso para citar algumas obras.

Na literatura uma das grandes referências, e que chegou a virar filme, além de influenciar músicos foi a obra *For Whom the Bell Tolls*, publicada em 1940, nos Estados Unidos do autor Ernest Hemingway, que foi correspondente jornalístico durante

os anos da guerra civil espanhola. Uma curiosidade é que a obra serviu de inspiração para a música - *For Whom The Bell Tolls*, que compõe uma das faixas do disco *Ride the Lightning*, lançado em 1984, pela banda Metallica, além de ter inspirado o cantor Raul Seixas em seu nono álbum chamado Por quem os sinos dobram, e possuir uma faixa com o mesmo nome.

Mais recente, e muito aclamado pela crítica, vencedor de três Oscar em 2007, entre outros prêmios de expressão do cinema, o filme *El Laberinto del Fauno* (2006) de Guilherme Del Toro, apresenta de forma não tradicional, os conflitos entre a resistência e o regime franquista, em um ambiente repleto de fantasia que procura romper com a realidade, sendo por vezes, macabro.



Imagens 1 e 2: Capa do livro “*For Whom the Bell Tolls*” escrito em 1940 por Ernest Hemingway e “*El laberinto del fauno*” obra cinematográfica de Guilherme del toro, produzida em 2006.

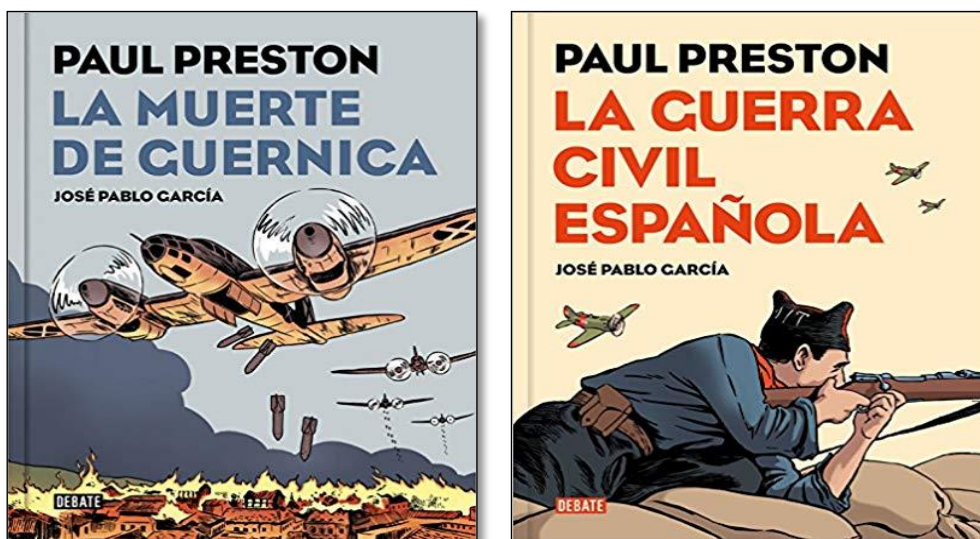
No caso das Histórias em Quadrinhos espanholas, objeto desse estudo, não foi diferente. Mesmo que algumas Histórias em Quadrinhos tenham sido publicadas entre os anos de 1976 a 2006, antes da aprovação da Ley 52/2007, muito desses quadrinhos, tiras ou charges não conquistavam um número significativo de leitores, muito por conta de uma política de censura do regime, e conseqüentemente, por conta das políticas do “pacto de silêncio”. Com a aprovação da Ley, muito dessas obras foram relançadas com

um novo acabamento editorial e ganharam uma maior visibilidade do que na época em que foram lançadas.

Segundo Helen Graham, o processo de transição, marcado pelo “pacto de silêncio”, pode ser interpretado como uma reordenação dos mecanismos de censura e autocensura da ditadura na democracia:

“As elites franquista haviam concordado com o retorno à democracia em troca de uma anistia de facto, o chamado “pacto de silêncio”. Ninguém seria responsabilizado judicialmente, nem haveria algo equivalente a uma comissão e de reconciliação. Embora a anistia não se aplicasse especificamente a historiografia, na prática, durante certo tempo, teve um efeito inibidor. O mesmo temor a um recrudescimento da guerra civil, lembrada e manipulada sem cessar pela ditadura e ainda presente no poder de fogo do exército e da extrema-direita no anos 70 e 80, impôs novamente aos espanhóis a autocensura sobre o que podiam e não dizer publicamente sobre a respeito da guerra” (GRAHAM, 2013, p.153).

Entretanto, após a Ley 52/2007, há uma mudança significativa na produção e no alcance dessas narrativas pelo público consumidor. Essas múltiplas manifestações apresentadas em diferentes suportes, contribuem para uma ampliação do debate, relacionado a esse passado, perante a sociedade. A ampliação desse debate tendo como base as Histórias em Quadrinhos vai ao encontro da autonomia dos artistas e a valorização que a linguagem adquiriu, nesses últimos anos. Além de Quadrinhos inéditos, há também um nicho muito interessante relacionado às adaptações. Obras consagradas de historiadores como Paul Preston, um dos principais especialistas no século XX espanhol, receberam adaptações do ilustrador José Pablo García, e foram publicadas pela Editora DEBATE, nos anos de 2017 e 2018.



Imagens 3 e 4: Obras historiográficas do historiador Paul Preston, adaptadas em Histórias em Quadrinhos.

Segundo Ivan Rodrigues Martin:

“Nos últimos anos, mais especificamente na última década, foram publicados na Espanha mais de trinta romances gráficos, cuja matéria narrativa relaciona-se direta ou indiretamente à Guerra Civil Espanhola ou à memória individual e coletiva do conflito e de suas consequências (...) o que mais chama a atenção é o fato de essas obras resgatarem, muitas vezes, episódios pouco conhecidos da Guerra e dos anos do franquismo e também o fato de darem visibilidade a dramas individuais que claramente metaforizam os traumas que são coletivos e que não se restringem àquele espaço nem àquele tempo histórico”(MARTIN, 2016, p.181).

Com um contexto social e político, um mercado editorial em expansão, e tendo em vista as ações pela recuperação e preservação da memória praticadas pela ARMH e pela *Ley de la Memoria Histórica*, criou-se um cenário favorável para a publicação dessas Histórias em Quadrinhos.

Outro ponto relevante dessas histórias, é que muitos dos seus autores e ilustradores, são da chamada “segunda geração”, expressão essa utilizada para denominar os filhos dos sobreviventes desses períodos, que de certo modo, puderam conviver indiretamente com os traumas políticos e sociais vividos pelos seus entes queridos. Muitos desses familiares, ou escolheram o silêncio, ou, por vezes, possuem suas recordações em fotografias, cartas, pequenos bilhetes ou até mesmo em entrevistas.

Narrar essas trajetórias de vida permite compreender a própria identidade pessoal, familiar, os laços, e conseqüentemente contribuir para a construção de uma identidade social. Segundo David Lowenthal, “relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos” (LOWENTHAL, 1998, p.83), ainda segundo o autor, “os grupos também mobilizam lembranças coletivas para sustentar identidades associativas duradouras (...) (LOWENTHAL, 1998, p.84)”.

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p.5).

Dessa forma, estudar as Histórias em Quadrinhos espanholas que possuem testemunhos de sobreviventes, diretos ou indiretos, uma vez que alguns são escritos por membros da segunda geração, relacionados ao período mencionado, permite aprofundar a relevância da memória na reconstituição dos fatos mencionados, o rompimento com as políticas de censura e autocensura que permaneceram no período democrático, e também se torna pertinente para compreender as mediações políticas e sociais referentes aos temas mencionados. Contribui, ainda, para aprofundar as novas perspectivas historiográficas que, nos últimos anos, romperam com a tradicionalidade das fontes.

“Nesse sentido, é pertinente analisar as HQs como forma expressiva de mediação cultural, que nos apresenta uma linguagem narrativa com características próprias e cuja penetração e influência na sociedade contemporânea é inegável”.(BERNARDO, 2006, p.2)

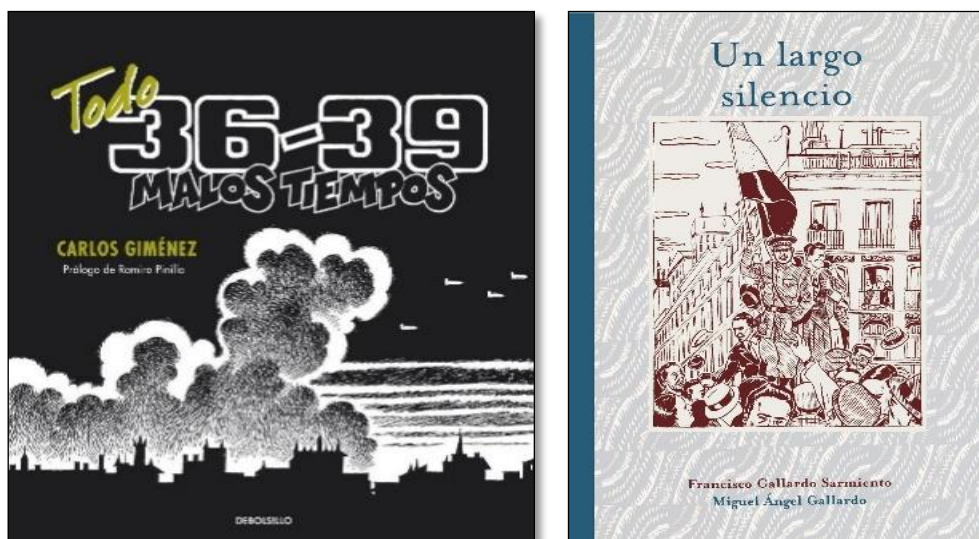
A obra *El Invierno del Dibujante*, publicada pela Editora ASTIBERRI em 2010, escrita por Paco Roca, narra como escritores de Histórias em Quadrinhos foram censurados pelas editoras, e como consequência desse processo, saíram para fundar sua própria revista, procurando obter uma liberdade de criação em suas obras. Em *Los Surcos Del Azar*, publicada também pela Editora ASTIBERRI em 2013, Roca apresenta as experiências da vida de Miguel Ruiz, um espanhol republicano que participou da Segunda Guerra Mundial, durante seu exílio na França, resultado da guerra civil

espanhola, abordando momentos como as experiências em campos de concentração na França e a participação de inúmeros espanhóis que lutaram contra o fascismo em solo francês.



Imagens 5 e 6 : Obras “*Los Surcos del Azar*” e “*El Invierno del dibujante*” de Paco Roca.

A série - Todo: 36-39 - Malos Tiempos (2011), publicada pela Editora DEBOLSILLO, de Carlos Gimenez apresenta a Guerra Civil, não pela perspectiva dos grandes eventos, batalhas e decisivas tomadas de decisões políticas, pelo contrário, o autor procura abordar o conflito pelo seu impacto no cotidiano nas camadas mais pobres da sociedade até então esquecidas pelos meios de comunicação. Em Un largo Silencio (2012), publicada pela Editora ASTIBERRI, Miguel Galhardo narra, com apoio de fotografias e documentos, como cartas, objetos considerados como “apoios de memória” (SOARES, 2014, p.2), as experiências do pai Francisco Galhardo, que lutou na Guerra civil Espanhola.



Imagens 7 e 8: Obras “*Todo: 36-39 - Malos Tiempos*” de Carlos Gimenez e “*Un Largo Silencio*” obra de Francisco Gallardo e Miguel Ángel Gallardo.

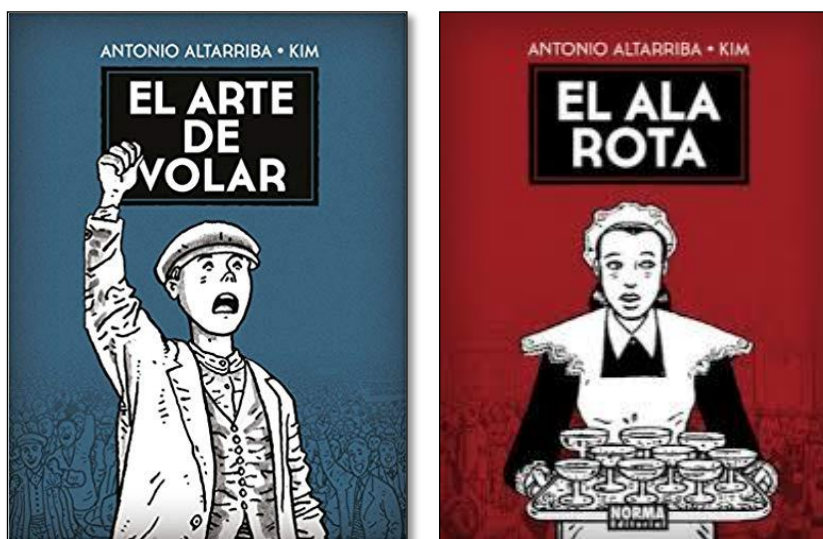
Dentre os romances que vem sendo expostos nas vitrines e em espaços amplos e privilegiados das grandes livrarias e magazines espanhóis e que abordam um extenso espectro temático, observa-se um crescente número de títulos que se relacionam à Guerra Civil Espanhola e à memória de experiências traumáticas, cujas feridas ainda não cicatrizaram” (MARTINS, 2016, p.180).

Na Espanha, uma das principais referências das Histórias em Quadrinhos, referente a esse assunto, é certamente Antonio Altarriba. Escritor e professor de literatura, Altarriba possui uma vasta produção de ensaios, novelas, artigos e Histórias em Quadrinhos, além de um site com todas as informações de sua vasta produção. Em parceria com Kim, um dos principais ilustradores de quadrinhos da Espanha, e que possui uma vasta produção de crítica social em suas obras. Dessa parceria surgiram duas das obras mais significativas que, certamente, tornaram-se referências, não só no mercado editorial espanhol, mas no cenário mundial.

Publicada em 2009 pela Edicions de Ponent, e mais recentemente pela Editora NORMA em 2016 e no Brasil, publicada pela Editora VENETA, a obra *El Arte de Volar* (A Arte de Voar) de Antonio Altarriba e Kim, apresenta um conjunto de memórias pessoais do autor (Altarriba) sobre seu pai, misturados aos testemunhos do

próprio Pai, Antonio Altarriba Lope, um ex-combatente anarquista, sobre as suas experiências na Espanha, durante sua infância e adolescência, passando pela Guerra Civil espanhola (1936-1939), o cotidiano dos campos de concentração, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o exílio na França, a Ditadura franquista (1939-1975) e o período de redemocratização espanhol, além de todo o seu cotidiano durante esses processos.

Anos depois, tomado por um desejo de “reparação”², Altarriba e Kim, publicaram, também pela Editora NORMA, a obra *El Ala Rota* (2016), publicada no Brasil pela Editora VENETA com o título “Asa Quebrada” em 2018. A obra aborda, sob o contexto do século XX espanhol, a história de sua mãe Petra. Uma mulher que buscou na religião e no silêncio o conforto perante os problemas familiares e sociais. Durante sua trajetória, Petra foi governanta na cidade de Zaragoza, na casa de um comandante militar. Após anos, casada com Altarriba, Petra acaba se divorciando e passando os últimos dias de sua vida em um convento, até a sua morte.



Imagens 9 e 10: Capas das obras de Antonio Altarriba e Kim publicadas pela Editora NORMA.

² Termo utilizado por Altarriba, como forma de expressar a sua motivação para escrever a trajetória de sua mãe, tendo em vista a primeira imagem feita sobre a sua vida na obra “El arte de Volar”. ALTARRIBA. E se não pode voar. In: ALTARRIBA, Antonio e Kim. Asa Quebrada. São Paulo: Editora Veneta. 2018, p.261.

As Histórias em Quadrinhos apresentadas acima possuem por objetivo promover a transmissão da memória de indivíduos que, até então, não haviam tido, durante o período democrático na Espanha, um espaço público de proliferação de suas lembranças. O processo de redemocratização espanhol e sua formação contemporânea se desenvolveram essencialmente em torno da “cruzada” pela memória em diversos setores da sociedade, tanto em esferas públicas e como nas privadas, tangenciando disputas políticas e uma nova separação social e cultural, envolvendo resquícios de um passado tido como “vencedor” pelos pró-franquistas e aquele dos chamados “derrotados” republicanos.

As relações entre esquecimento e lembrança, passado e presente, público e privado são propícias às discussões em torno das políticas de memória que regem não somente a Espanha, mas um período que foi cercado e violentamente construído sobre a barbárie. Essas disputas em relação à memória estão atreladas a resquícios dos mecanismos de censura e autocensura apontados por Graham.

Nesse sentido, o direito à lembrança e ao esquecimento, fornecem uma dialética da lembrança e do esquecimento (NORA, 1993, p.9), além disso, “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento”(LE GOFF, 1990, p.368). Os transbordamentos e os retraimentos da memória evidenciam-se nesses eventos traumáticos do século XX, nos quais os silêncios, por muitas vezes, são gerados pelos indivíduos ou o direito à voz lhes é negado pela sociedade, assim como ocorreu na Espanha, pelo “pacto de silêncio”.

A tentativa de reconstrução dos episódios traumáticos do século XX, através da representação do testemunho e da discussão em torno da escrita de *Sí* e do *EU* moderno, nos âmbitos individual ou coletivo, pelas Histórias em Quadrinhos mencionadas, podem complexificar o conhecimento historiográfico acerca da guerra civil espanhola, da ditadura franquista e do período de redemocratização:

O testemunho e o diário são dispositivos que surgem na literatura dentro deste embate entre este *Eu* moderno e o *Mundo*, sobretudo quando o mundo se apresenta como uma manifestação violenta. Testemunho e diário são marcas ou pegadas do indivíduo na era da sua desapareção. Este indivíduo precisa se apegar a um *Eu* que ele está recriando e reafirmando tanto quanto *lhe* é permitido por um mundo

que o puxa, se não para o extermínio, ao menos para o anonimato e para a sua insignificância. (SELIGMANN-SILVA, 2010, p.9)

Essa divulgação dos inúmeros testemunhos, apresentados pelas Histórias em Quadrinhos, pode ser visto como uma luta contra a desaparecimento de Sí, promovida pela censura do “pacto de silêncio” durante tantos anos. Essa ação de “não” esquecimento das experiências traumáticas se apresenta como uma forma de resistência às “políticas do esquecimento” (SELIGMANN-SILVA, 2010, p.14) e ao tempo:

(...) a sobrevivência durante dezenas de anos, de lembranças traumatizantes, lembranças que esperam o momento propício para serem expressas. A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas” (POLLAK, 1989, p.3).

Assim, entendemos que as Histórias em Quadrinhos espanholas que surgem e dialogam diretamente com os objetivos das políticas de memória, de instituições como a ARMH e no contexto das ações da Ley 52/2007 – Lei de Memória Histórica, que possuem testemunhos e memórias de indivíduos que vivenciaram os conflitos que marcaram o século XX espanhol, entre outros eventos traumáticos da chamada “Era das Catástrofes” conforme a afirmação de Hobsbawm,³ contribuem para a historiografia ao permitir observar um movimento social, jurídico e cultural, em prol da possibilidade de rememoração das experiências individual e coletiva na Espanha contemporânea.

Referências

³ Conceito apresentado por Hobsbawm para determinar o período das calamidades do mundo ocidental que tem início com a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), até o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

BERNARDO, Thiago Monteiro. História e Histórias em quadrinhos: um debate sobre possibilidades analíticas. Usos do passado – XII encontro regional de História. Anpuh, 2006.

GRAHAM, Helen. Guerra Civil Espanhola. L&PM. Porto Alegre, RS; 2013.

HOBBSAWM, Eric J. A Era dos extremos - O breve século XX. 2ªEd. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2008.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora UNICAMP, 1990.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o Passado. Projeto História. Revista Trabalhos da História. V.17 - São Paulo, 1998.
<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11110/8154>

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

ORTIZ, Irene Galindo. A problemática de “El Valle de los Caídos” na Espanha: santuário, monumento e cemitério. Revista Santuários, Culturas, Arte, Romarias, Peregrinações, Paisagens e Pessoas. 2014. Vol.1.176-179.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

RODRIGUES, Ivan Martins. As linhas de força do romance gráfico sobre a Guerra Civil Espanhola. Revista Caracol. V.11. p.179-207. São Paulo, 2016.

SELIGMAN-SILVA, Márcio. História, Memória e Literatura – O testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

_____. O Local do Testemunho. Revista Tempo e Argumento. V.2 n.1, 2010.

SOARES, Fagno da Silva. Por uma História do Tempo Presente: Reflexões historiográficas acerca das relações entre história oral e memória. XII Encontro Nacional de História Oral: Política, Ética e Conhecimento. 2014.